



PREFEITURA DE SANTOS  
Secretaria de Educação



UME: DR JOSÉ CARLOS DE AZEVEDO JUNIOR  
ANO: COMPONENTE CURRICULAR: ED. FÍSICA  
PROFESSOR: EZEQUIEL VIEIRA

Nome : \_\_\_\_\_  
N° \_\_\_\_\_

PERÍODO: 03/11/2020 a 13/11/2020

### RACISMO.

Há quem diga que um grande exemplo de que o racismo não existe é olhar para o campo esportivo. Entre profissionais de atletismo, lutas e futebol, por exemplo, essas pessoas enumeram nomes de sucesso como Usain Bolt, Muhammad Ali, Pelé e outros como se eles fossem a prova de que negros também estão em posição de destaque.

Entretanto, este olhar "ingênuo" \_ e cheio de má-fé \_ é descolado da realidade. E ainda tenta mascarar um fato: o racismo está em **todo lugar**. Para ficar em dois exemplos: a proporção de pessoas negras de sucesso no esporte não é, nem de perto, igual a de empresários negros. O número de pessoas negras em universidades, na política e em outros espaços de comando, ainda é ínfimo, apesar de pequenos avanços.

E mesmo com a possibilidade de relacionar vários atletas negros que tiveram o seu talento reconhecido, isso não quer dizer que o racismo não tenha atingido essas pessoas. Não raro, elas são grandes exceções que explicam a regra.

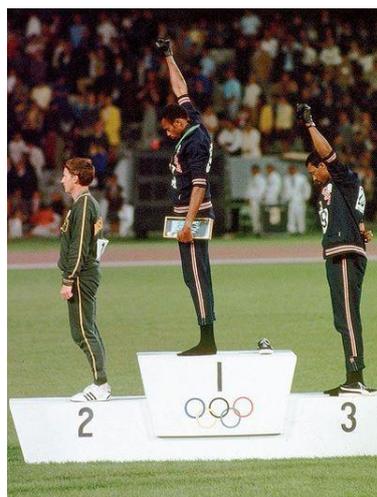
Várias dessas personalidades tiveram a questão racial como mais um obstáculo a ultrapassar. Um clássico exemplo é o do pugilista Muhammad Ali, que contou uma situação bem ilustrativa do problema:

Ali foi um dos grandes nomes do esporte que lutou por mais igualdade racial, sempre fazendo questão de exaltar o orgulho de ser negro e de apontar todos os problemas causados pelo racismo.

<https://www.youtube.com/watch?V=gryqqajmvdv>

O [Catraca Livre](#) pediu a ajuda de Eliana Alves Cruz, escritora e criadora do site [Black Sport Club](#), para trazer mais atletas, brasileiros e estrangeiros, que são exemplos da luta racial travada dentro e fora do esporte.

Ela destacou seis nomes além de medalhões como Ali, Jesse Owens, Tomie Smith e John Carlos (abaixo), já conhecidos por quem se interessa pelo tema.

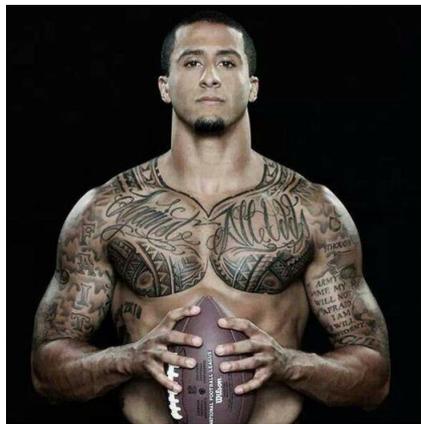


Se você não conhece, busque informações e, também, saiba mais sobre estes que mostraremos a seguir:

### **Colin Kaepernick - Futebol Americano**

Ele foi o precursor de um movimento na NFL, a principal liga de futebol americano, que é muito

simbólico: ajoelhar-se durante a execução do hino dos Estados Unidos em protesto contra a violência sofrida pela população negra. Outros times e atletas começaram a repetir o gesto, especialmente depois de o presidente Donald Trump se posicionar contra a atitude de Kaepernick



“Em 2016, os jogadores repetiram o gesto de Colin Kaepernick, então quarterback do San Francisco 49ers, que na pré-temporada do ano passado se recusou a levantar durante o hino em repúdio ao ‘tratamento que os negros recebiam nos EUA’, inspirando outros atletas da liga”, afirma Eliana.

#### **Diogo Silva – Taekwondo:**

“Primeiro medalhista de ouro para o Brasil nos Jogos Pan-Americanos Rio 2007, já havia chamado a atenção nos Jogos Olímpicos de Atenas 2004, quando conseguiu um excelente e inédito quarto lugar e na semifinal ergueu o punho fechado com a luva negra, remetendo ao gesto dos atletas Panteras Negras dos Jogos de 1968 [na Cidade do México]”, diz Eliana.



Para a [revista Fórum](#), Diogo já havia falado sobre raça e sobre a atitude no Pan:

“Sempre fui ligado a grupos de consciência negra e era bem politizado. Pensei que o que eles fizeram foi demonstrar o que sentiam: desprezo. E era isso que sentia naquele momento. Desprezo (...) Logo depois do meu protesto, o ministro do Esporte ligou pra gente conversar (...) Depois ninguém falava mais disso. Se você não foi campeão, não medalhou, ninguém se lembra de você.”

### **Daiane dos Santos – Ginástica**

Eliana destaca que o começo da carreira da atleta, no Rio Grande do Sul, foi cheio de preconceito.

Em uma [entrevista para o Black Sport Club](#), Daiane deu sua opinião sobre o racismo e o machismo no esporte e compartilhou a sua própria experiência:



“Acho que o mundo do esporte é difícil para as mulheres em geral e mais difícil ainda para a mulher negra, pois enfrentamos o preconceito explícito e o

mascarado. Mesmo depois de adulta, muita gente ainda não falava comigo e sei que o motivo era este”.

“Isso te revolta, mas sempre tive em mente que não era eu quem tinha que me envergonhar de nada e sim eles. Hoje faço parte da Comissão da Mulher no Esporte, do Comitê Olímpico Brasileiro, e estamos estudando algumas questões particulares femininas na área médica e social. Não queremos privilégio algum, apenas igualdade de tratamento e atenção com as nossas particularidades”, afirmou.

### **Rafaela Silva - Judô**

Ela foi a primeira medalhista de ouro dos Jogos Olímpicos Rio 2016 e, como afirma Eliana, enfrentou o racismo e o ódio nas redes sociais ao perder uma luta na edição anterior, em Londres 2012. Em depressão, a atleta cogitou abandonar o esporte.



A judoca falou da situação naquele momento ao [Globo Esporte](#) ao comentar a sua vitória no Brasil: “Lembrando do sofrimento que passei em Londres, que me criticaram, que eu era uma vergonha para minha família, e hoje eu pude fazer todos os brasileiros com essa medalha aqui dentro da minha casa. O macaco que tinha que estar na jaula em Londres hoje é campeão olímpico dentro de casa e hoje eu não fui uma vergonha para a minha família”.

## Mário Lúcio Costa (Aranha) - Futebol

Eliana Cruz cita alguns episódios sofridos pelo goleiro Aranha que mostram o racismo dentro e fora das quatro linhas.



Em 2005, após deixar um amigo no hospital, o jogador foi abordado e agredido por policiais militares em Campinas, que teriam confundido o jogador com um assaltante.

Aranha foi detido e conduzido a um distrito policial, mesmo após se identificar como atleta da Ponte Preta. Ele foi solto após a ação de advogados do clube e fez uma queixa por agressão contra os pms, que pediram desculpas. O atleta não prosseguiu com a reclamação.

[https://www.youtube.com/watch?V=mal3vtsunoc&feature=emb\\_logo](https://www.youtube.com/watch?V=mal3vtsunoc&feature=emb_logo)

Mas o caso mais emblemático envolvendo o arqueiro foi em 2014, durante a Copa do Brasil. O então goleiro do Santos foi alvo de diversos xingamentos racistas durante uma partida contra o Grêmio.

O Grêmio [soltou um comunicado](#) na época dizendo que "atos como esse são fruto de atitudes individuais e isoladas, que em nada representam a grandiosidade e o respeito da torcida gremista". O time foi expulso daquela competição por causa do episódio.

Em um texto no [El País Brasil](#), o colunista Breiller Pires chamou a atenção para o fato de que o clube “jamais se assumiu, de fato, como culpado”:

“Muitos torcedores e, sobretudo, dirigentes não conseguem enxergar Aranha como vítima. Para eles, o goleiro provocou o imbróglio que resultou na eliminação do clube de uma competição, quando, na verdade, ele apenas denunciou a prática abominável de injúria racial no estádio – com a qual, por décadas, o Grêmio, assim como a maioria dos clubes do Brasil, foi condescendente”.

Em julho deste ano, Aranha voltou ao estádio do Grêmio em uma partida pela Ponte Preta. “Quando eu volto aqui, procuro não estar olhando para arquibancada, mas uma hora não dá. A cada vez que eu olho, só vejo ódio na cara das pessoas. Eles têm certeza de que eu sou o errado. É uma tristeza pelo clube que é o Grêmio”, [declarou](#).

### **Lebron James – Basquete**

“Neste ano, ao ter sua casa em Los Angeles pichada por vândalos, Lebron James não se calou”, disse Eliana. Na véspera dos jogos finais da NBA, a principal liga norte-americana de basquete, o jogador teve a sua casa pichada com declarações racistas.



"Este caso mostra que o racismo sempre será parte do mundo, parte da América. O ódio na América, especialmente contra afro-americanos, acontece todo dia", [declarou o astro](#) do Cleveland Cavaliers.

"Nós temos um longo caminho para percorrer, para nós como sociedade e para nós como afro-americanos, até nos sentirmos iguais", finalizou.

Conclusão...

Aqui, eu quero deixar o meu depoimento. Sou negro, professor e venho de bairro humilde. Sempre ouvi que os brancos não gostavam de negros e vice-versa. Mas também sempre acreditei que a máxima "se sorriem para você, logo você sorri de volta, se te olham com cara feia você também retribui". Eu acredito muito nisso, por isso procuro tratar a todos com respeito, mas busco o meu espaço e não me deixo levar com os rótulos que me colocam. Se me ofenderem é quase certeza que tomarei satisfação, mas não deixo que o preconceito desestimule a buscar o meu espaço. Se tenho que correr mais rápido, correrei. Se tenho que saltar mais alto, assim eu farei. Se preciso estudar mais, seguirei tentando. Mas não me deixo abalar por palavras ou gestos que me rotulem por menor ou mais incapaz, faço destas situações impulso para alcançar lugares que eu desejo estar, e por final confio em Deus, sempre confio. Não acredito que as pessoas nasçam racistas ou preconceituosas, mas lutamos, defendendo e atacando com as armas que possuímos. Desta forma, os embates preconceituosos acontecem por falta de coisa melhor, ou seja, ter algo mais forte. Assim, chamar de preto, amarelo ou branquelo, nada mais é do que demonstrar a sua insignificância e sua incapacidade. Podemos combater o preconceito se olharmos o outro como semelhante, a atitude é que vai diferenciar se é boa ou ruim. Devemos sempre

